



Voz do Corpo

expressão . movimento . intuição

A CASA TOMBADA

Lugar de Arte, Cultura e Educação

FACONNECT

Voz do corpo

Escutas poéticas da linguagem corporal

Leandra de Souza Dib

Trabalho realizado sob a orientação da Profa. Dra. Adriana Friedmann, em exigência parcial, para a obtenção do certificado de especialista, como concluinte do curso de Pós-Graduação Lato Sensu "A vez e a voz das crianças: escutas antropológicas e poéticas das infâncias."

São Paulo

2021

Dedico este trabalho à pequena Leandra, minha criança, que tinha o sonho de viajar o mundo. Mal sabia eu o tanto que conheceria do mundo sem precisar, no entanto, rodá-lo. Tantos mundos eu pude apreender e, para mim, se apresentaram através das histórias das pessoas com quais eu convivo. Viajamos por mundos!

Dedico este trabalho a todas as crianças com quem convivi, convivo e conviverei.

A inocência.

A boniteza.

Os sonhos.

O possível.

O alcançável.

O fazer-se presente.

O sentir-se completo.

A paz.

Que sejam honradas, que sejam respeitadas, que possam viver as suas infâncias!

Escrever é sair de mim e ir ao encontro do outro. E, nesse encontro, a possibilidade de adentrar um espaço que não é meu, e, por isso, peço licença para ocupar.

Que minha visita chegue com bolo quente e café coado há pouco, e que juntos possamos sentar-nos ao redor da mesa e ali tecer uma longa conversa.

Agradeço a você que acolheu minha visita e a você que a acolherá.

Agradeço aos meus pais, pela vida que me deram.

Agradeço ao Alexandre, meu companheiro, pelo incentivo a ir atrás daquilo que pulsa em mim.

Agradeço às minhas filhas, Sophia e Stella, por me ajudarem a olhar para a vida de uma maneira mais leve e por me fazerem rir de mim.

Agradeço às crianças e às suas famílias, por me permitirem fazer parte de suas vidas.

Agradeço à minha amiga Daniela João, por sua coragem em ressignificar a fisioterapia.

Agradeço a Adriana Friedmann e a Josca Baroukh, pela acolhida amorosa e gentil durante o percurso desta pós-graduação. E, a Adriana, em especial pela companhia atenciosa e orientação na escrita deste ensaio.

Agradeço aos professores que compuseram esta caminhada.

Agradeço aos que comigo trilharam esta jornada, pela companhia, pelos risos e pelos choros, pelas infindáveis contribuições que cada um trouxe ao compartilharem suas experiências de vida.

Agradeço a Ana Maria Ziccardi, pelo incentivo de longa data para que fizesse da minha escrita um lugar e por me auxiliar a 'dar corpo' para minhas ideias.

Nascemos imensidão
Perdemos a conexão
Pela doença de ouvir
A voz da falsa razão

Abrindo os olhos sem acordar
Fechando o olho da intuição
Abrimos mão de enxergar
O desabrochar da vida

Obedecer, entristecer
Procrastinar, sem tempo de ser
O que a nossa alma pede
Dentro de nós acumulamos pesos cruéis
Acreditando que é assim que a vida é

Nascemos imensidão
Perdemos a conexão
Pela doença de ouvir
A voz da falsa razão

Abrindo os olhos sem acordar
Fechando o olho da intuição
Abrimos mão de enxergar
O desabrochar da vida

Obedecer, entristecer
Procrastinar, sem tempo de ser
O que a nossa alma pede
Dentro de nós acumulamos pesos cruéis
Acreditando que é assim que a vida é
É, é, é, é...

Tá na hora de reagir
Entender que somos gigantes
Ocupar o nosso lugar
Acolher nossas almas
Nunca é tarde pra replantar
Nossa terra é de amor infindo
A semente vai germinar
É assim que a vida é

RESUMO

A-bordar o tema corpo é alinhar partes que foram fragmentadas para compor o todo. Entrelaçar nossa estrutura física (ossos, músculos, articulações) a conceitos que compõem essa trama como: experiência, existência, diferenças, memórias, autonomia, diversidade, curiosidade, participação, respeito, liberdade. Riscar, alinhar, costurar saberes que nos movam à pluralidade da palavra corpo. Corpos. Rompendo com a ideia de um corpo-padrão que exclui outros modos de ser. Buscar conforto na nossa roupagem e coragem para nos desfazermos ou transformarmos aquelas que já não cabem mais. Juntos nessa costura vamos tecendo a trama das nossas próprias vidas. Que este ensaio nos conduza a descobertas e a inquietações, não a certezas. Que possamos, por meio desta leitura, levantar questões, indagar-nos e, assim, ressignificar nossas relações conosco e com as crianças.

Palavras-chave: corpo, voz, deficiência, movimento, experiência.

ABSTRACT

To embroider the body theme is to baste parts that have been fragmented to compose the whole. Interweave our physical structure (bones, muscles, joints) with concepts that make up this plot such as: experience, existence, differences, memories, autonomy, diversity, curiosity, participation, respect, freedom. Scratch, baste, sew knowledge that moves us to the plurality of the word body. Bodies. Breaking with the idea of a standard body that excludes other ways of being. Seeking comfort in our clothes and courage to undo or transform those that no longer fit. Together in this seam we weave the fabric of our own lives. May this essay lead us to discoveries and concerns, not certainties. May we, through this reading, raise questions, ask ourselves questions and, thus, give new meaning to our relations with ourselves and with children.

Keywords: body, voice, disability, movement, experience.

Sumário

1. Narração

1.1 Silêncio

1.2 Sussurro

1.3 Vozes

1.4 Grito

2. Corpo

2.1 Movimento livre

2.2 Expressão – voz do corpo

3. Encontros

3.1 Alice

3.2 Melissa

3.3 Gustavo

Arremate

1. Narração

Nem só as palavras nos falam

O corpo diz muito também

Para um bom leitor de gestos

Nem todo sorriso é amém

Os textos são feitos daqueles que os escrevem.

Nele não estou só. Muitas referências comigo caminham, dançam, costuram, entrelaçam e tecem essa escrita. Sociólogos, antropólogos, psicanalistas, poetas, educadores, estudiosos da infância e do corpo. Estão comigo também aquelas que mais me fazem questionar o mundo e os modos de ser nele, as crianças.

Este ensaio nasce do intuito de compartilhar um caminho de estudos, experiências e inquietações até aqui trilhado e representa a possibilidade de me aventurar a encontrar nas palavras uma forma de comunicá-lo.

Meu desejo é que ele chegue a todas as pessoas, não só aos profissionais das infâncias, para que todos possam sentirem-se pertencentes ao próprio corpo, que possam se (re)aproximar deste lugar de existência e descobrirem suas linguagens expressivas ao experienciar o corpo comunicativo que possuem.

Pensar sobre um lugar onde supõe-se livre, um quintal, um parque, uma praça, uma escola. Eu escolhi pensar o corpo.

Corpo de atuação e não só de objeção. Lugar de ser e estar.

O corpo tem muito a oferecer, muito mais do que imaginamos encontrar. É espaço onde se faz poesia, onde se desenham memórias, lembranças, lugar onde a vida se faz grande e completa. Espaço habitado por sonhos e fantasias e invadido pela inocência da infância atravessada por afetos.

Falar da criança com deficiência me faz pensar no lugar que elas ocupam na sociedade e refletir a partir daquilo que a antropóloga social Clarice Cohn propõe: “escapar daquela *imagem em negativo* da criança: quando falamos assim, estamos usando-a como um contraponto para falar de outras coisas” (Cohn, 2005, p. 7-8).

Cohn, continua:

Recusa-se às crianças, portanto, uma parte ativa na consolidação e definição de seu lugar na sociedade: elas são vistas como um receptáculo de papéis funcionais que desempenham, ao longo do processo de socialização, nos momentos apropriados. (Cohn, 2005, p.16)

Rever a sociedade implica rever também o papel do indivíduo dentro dela. Se a sociedade é constantemente produzida, ela não poderá sê-lo senão pelos indivíduos que a constituem. Portanto, ao invés de receptáculos de papéis e funções, os indivíduos passam a ser vistos como atores sociais[...] São atores não por serem intérpretes de um papel que não criaram, mas por criarem seus papéis enquanto vivem na sociedade. (Cohn, 2016, p. 20-21)

A ideia de criança como um ser incompleto a ser formado e socializado, que, muitas vezes, é alimentado em nossa sociedade, tende a se amplificar quando nos referimos às crianças com deficiência.

Estar diante de um diagnóstico e traçar com base nele um prognóstico é, por vezes, fazer um anúncio daquilo que aquela criança não conseguirá fazer, daquilo que ela não será.

O foco está, portanto, na incapacidade, na falta e não na possibilidade.

Nos perguntarmos o que aquele sujeito é capaz de fazer com seu corpo nas condições que se apresentam naquele instante é uma maneira de começarmos a lançar um olhar para a capacidade, para a pessoa que está presente em um corpo, o seu corpo.

A busca por um corpo funcional bípede é uma corrida insana e desrespeitosa, uma vez que se espera que a criança supere sua condição e se torne um outro desejado e idealizado pela sociedade.

Compartilho o convite que Clarice Cohn nos oferece ao nos relacionarmos com as crianças:

[...]precisamos nos desvencilhar das imagens pré-concebidas e abordar esse universo e essa realidade tentando entender o que há neles, e não o que esperamos que nos ofereçam. Precisamos nos fazer capazes de entender a criança e seu mundo a partir de seu próprio ponto de vista. (Cohn, 2005, p.8)

Nos aproximarmos das crianças sem expectativas, sem predefinições, acolhendo suas iniciativas e reconhecendo a potência que delas emerge. Conviver harmoniosamente com aquilo que mais humanos temos, nossas diferenças.

No âmbito da deficiência, me pergunto: deficiência com relação a quê? Em relação a quem?

Deficiência, ousou dizer, de um sistema que padroniza e normaliza os corpos e os sujeitos que os habitam. Deficientes são os contextos e as mentalidades que não se dispõem a assumir o quão rica pode ser a convivência entre diferentes que somam competências.

No tecer da escrita, optei por não dar ênfase à deficiência, não por não a reconhecer, e não por não me importar com o diagnóstico que, sim, o considero norteador, mas não definidor; mas por ter encontrado uma proximidade com o que o fonoaudiólogo, pesquisador e professor Carlos Skliar aponta como algo inato ao humano, a diferença: “não trabalhar sob a ótica da deficiência ou das necessidades especiais. A ênfase está nas ‘diferenças’, ou melhor, na vida que se vive educativamente com os ‘diferentes’, pois a diferença está ‘entre nós’, não é uma abstração essencializada” (Skliar, 2014, p. 18).

O direito a ser diferente e a necessidade de nos sentirmos pertencentes é comum a todos nós. A vida movida e sustentada por uma diversidade que merece ser exaltada e não corrigida ou excluída.

A diferença é natural, particular e universal no campo humano.

Seguirei por este caminho ao relatar como a observação das crianças me afetou e como eu busquei dar sentido às suas experiências que tive o privilégio de compartilhar.

Os vídeos abrangem as brincadeiras das crianças vivenciando uma consciência própria do corpo, saindo do lugar da passividade e da manipulação e adentrando o lugar que é delas por direito: a autoria de suas próprias experiências.

1.1 Silêncio

Um alívio é o que sinto
Quando me deixo esvaziar
Dos pesos que me cansam
E impedem de me expressar

O corpo é como um livro autobiográfico. E, assim como os livros, ele pede para ser lido. Fui convidada a ler aquilo que pulsava em cada palavra/gesto deste meu livro e, posteriormente, do livro das crianças.

Entrar em contato com a narração da minha experiência relatada pelo meu corpo. O que meu corpo conta sobre mim? Sobre meus medos, anseios, desejos?

Esses questionamentos foram norteados o percurso desta leitura, apontando direções e fazendo com que eu me perdesse pelo caminho do ‘não saber’.

“Não saber” por onde começar, como interpretar, como me relacionar com esta forma de olhar para mim. Fui aos poucos encontrando conforto neste lugar que tornou-se um campo de pesquisa, auto pesquisa.

Fui percebendo e me permitindo surpreender com a mesma intensidade do desconforto inicialmente gerado.

Pude constatar o quão distante eu estava do meu próprio corpo, do meu ser mulher.

Percebi que não cabia mais a leitura com olhos avaliadores e julgadores, mas, sim, com olhos de aceitação, de compreensão e de acolhimento.

Inspirei-me por aquilo que Skliar convoca ao falar sobre o olhar:

é preciso voltar a olhar bem aquilo que nunca vimos ou que já vimos, mas desapaixonadamente. Voltar a olhar bem, isto é, voltar o olhar mais para a literatura que para os dicionários, mais para os rostos do que para as pronúncias, mais para o inominável do que para o nominado. (Skliar, 2003, p. 20)

E pelo poema da poeta e artista Rupi Kaur:

hoje me vi pela primeira vez
quando tirei a poeira
do espelho de minha mente
e a mulher que me encarou de volta
me tirou o fôlego
afinal quem era aquela criatura tão linda
aquela terráquea extraceleste
eu toquei meu rosto e meu reflexo
toquei a mulher dos meus sonhos
toda sua beleza me sorria nos olhos
meus joelhos se renderam à terra
e eu chorei suspirando pensando
que eu tinha passado a vida inteira
sendo eu
mas não me vendo [...] (Kaur, 2020, p. 154)

Voltar o olhar para mim, equalizar as tantas vozes que comigo dialogavam internamente e afinar a escuta daquela voz que insistia em me falar, mas que quase não se ouvia por tantos ruídos que ali habitavam. Fui habitando meu corpo, ocupando o meu espaço.

Olhar para mim e para as crianças é como olhar para a possibilidade do encontro com o inédito. Inédito como tudo aquilo que antes não foi descoberto, desvendado, desvelado. Inédito é o nunca visto, mesmo tendo estado sempre lá.

Aquilo que acontece regularmente, o ordinário. Algo como uma mesmice que passaria despercebida, um registro banal de situações rotineiras não fossem os olhos atentos. A beleza das coisas repetidas e marcadas no tempo que nos contam sobre a vida, tal qual ela é.

Para que se dê o encontro com o inédito, é preciso silenciar aquilo que turva o olhar, silenciar os ruídos que pareçam insignificantes.

Uma leitura lenta, sem pressa, no tempo alargado do não-tempo. Foi o que fiz!

1.2 Sussurro

Fomos tão fragmentados

Que fica difícil depois juntar

Pegar cada uma das partes

Para todas integrar

Enquanto você lê, peço que faça isso de corpo inteiro, não apenas com os olhos.

Para que você, leitor, entenda o que pretendo com este trabalho, começo nossa conversa fazendo uma menção ao professor de filosofia e doutor em pedagogia Jorge Larrosa, citado em Skliar (2003, p. 212):

[...] uma conversa não é algo que se faça, mas algo no que se entra...e, ao entrar nela, pode-se ir aonde não havia sido previsto...e essa é a maravilha da conversa...que, nela pode-se chegar a dizer o que não queria dizer, o que não sabia dizer, o que não podia dizer... uma conversa está cheia de diferenças e a arte da conversa consiste em sustentar a tensão entre as diferenças...mantendo-as e não as dissolvendo...e mantendo também as dúvidas, as perplexidades, as interrogações...e isso é o que a faz interessante.

Essa conversa deve ser iniciada como se você, leitor, estivesse recebendo uma carta, pois, para mim, escrever uma carta é embrulhar a palavra para presente. Então, receba um presente.

Cada letra vai dando a mão a outra letra até compor uma palavra. Cada palavra carrega com ela doses de lembranças, memórias, encontros, momentos solitários e compartilhados.

A palavra afeta, a palavra abraça. Então, lhe ofereço um abraço e, junto com ele, chega parte de mim.

Esta carta também está, de certa forma, endereçada a mim, pois encontro na escrita uma forma de ressignificar, revisar, reaprender o já sabido.

Ouso, aqui, transformar em palavra aquilo que compôs minha experiência durante o percurso da pós-graduação, mas também permito o nascer de algo que há muito vem sendo gestado em meu interior.

Começo dizendo-lhe:

Seja bem-vindo!

Imagine que esta é a voz que sopra aos seus ouvidos quando adentra o espaço sagrado que é seu corpo, e ela continua.

Há muito eu esperava por este encontro!

Aqui, adentra o campo do sentir, olhará com olhos de ver e ouvidos de ouvir.

É chegada a hora!

Esse nosso (re)encontro é oportuno e aconteceu quando tinha de acontecer. O tempo está sempre certo.

Pare por um instante antes de prosseguir: tome consciência de seu corpo, seu refúgio, lugar de descanso, de privacidade, de presença onde sua vida se desenrola. Observe sua respiração. Não a julgue, somente observe-a. Caso sinta-se confortável, experimente fechar os olhos e volte a observar sua respiração.

Enquanto respira, diga a você mesmo: “Seja bem-vindo, está em casa!”. Sua casa é seu corpo. Seu corpo é sua casa.

Está confortável? Faça os ajustes que julgar necessários para que possa ficar à vontade. Quando recebemos uma visita em casa e dizemos a ela *fique à vontade*, o que estamos querendo dizer com isso?

O que faz você sentir-se à vontade? Faça uma pausa aqui. Quando surge uma pergunta, normalmente, buscamos respostas. Em parte, fomos ensinados a buscar essas respostas fora de nós, tomando como referência algo distante e externo.

Ouse perguntar-se e dar-se tempo de ouvir a resposta.

O que faz você sentir-se à vontade? Se julgar necessário, feche os olhos, faça uma respiração mais prolongada e profunda. Faça quantas respirações forem necessárias. E não se espante se a resposta não aparecer prontamente, porque fomos,

de certa maneira, levados a pensar que os outros sabem mais de nós do que nós mesmos.

Dê-se tempo! Volte a essa pergunta várias vezes.

Apresento-lhe, aqui, minha resposta, que, para minha surpresa, levei tempo para conseguir construí-la: **eu me sinto à vontade quando posso ser eu mesma.**

Levei tempo para elaborar uma frase com poucas palavras e, mais tempo ainda, para decifrar as complexidades dentro de algo que parece ser tão simples. Isso requer uma desconstrução daquilo que sei sobre mim e desconstruir-me não é tarefa das mais prazerosas. Sair dos moldes. Deixar de cumprir com as expectativas dos outros. Encontrar minha voz foi um longo processo.

Foi a viagem mais ousada que experimentei viver e não a considero como concluída – impossível seria –, mas em processo.

Então, quando digo para você ficar à vontade, é como se uma autorização para que seja você mesmo, ao passo que me permito ser eu mesma.

Um encontro que consiste numa aventura dialógica. Diálogo estabelecido verbalmente ou não, mas corporalmente sempre.

Iniciamos aqui um diálogo.

A trajetória percorrida na pós me indicava um caminho a seguir na escrita do meu trabalho. Seria como uma oportunidade de reaproximação com algo que havia sido deixado lá atrás e que pedia para ser olhado.

Concluí a faculdade de fisioterapia com uma certeza: não trabalharia com crianças. Eu não tinha como ser uma boa fisioterapeuta para elas, pelo menos da maneira como eu havia sido ensinada.

Na faculdade, aprendemos a corrigir corpos, no que se refere ao trabalho com as crianças, pelo menos naquela época, há 20 anos, não havia um olhar de aproximação com esse sujeito que já é, e sim, com o constante vir a ser.

A busca pelo padrão dito normal, que não leva em conta as singularidades e não reconhece que o corpo da criança é habitado por um sujeito, gerava certo desconforto em mim.

Na época, não querendo questionar o que estava posto, o que fiz foi me afastar.

Hoje, depois de um caminho percorrido e da oportunidade de olhar para o desconforto em mim, sei que o que eu buscava não era a correção, a imposição, mas, sim, uma forma de me relacionar com as crianças que lhes permitisse ser quem são. Que lhes permitisse sentirem-se à vontade no corpo que têm, com as características que se manifestavam.

Durante esta pós-graduação, estava claro, para mim, que minha pesquisa levaria meu olhar para as crianças com deficiência. Meu desejo era observá-las dentro de um

contexto em que pudessem estar à vontade em seus corpos, livres de manipulações e, portanto, vivenciando a experiência de uma atividade autônoma.

Queria observá-las sendo respeitadas como sujeito humano, tendo reconhecidos seus esforços na tentativa de estabelecerem uma comunicação com o mundo que as cerca e neles se sentirem acolhidas pelo adulto que assegura o ambiente para sua livre expressão.

Somente assim essa criança pode ser reconhecida, como nos presenteia a argentina Myrtha Chokler, doutora em fonoaudiologia e psicologia e co-fundadora da Rede Pikler Nuestra America, com suas palavras:

como um sujeito de ação e não só de reação. Como um protagonista ativo, desde o início aberto ao mundo e ao entorno social do qual depende. Sujeito pleno de emoções, de sensações, de afetos, de movimentos, de interesses, de medos e ansiedades, capaz de iniciativas, de pensamentos lógicos – com uma lógica própria a seu nível maturativo -, competente para comunicar e para estabelecer vínculos, vividos intensamente em seu corpo e com seu corpo. (Chokler, 2017, p. 35)

Frente aos acontecimentos decorridos da pandemia – o afastamento, a reclusão em casa – e ainda na tentativa de dar seguimento a esse desejo, encontro, no Instagram, uma carta escrita pela Mariana, mãe da Alice (Anexo 1) que me ajudou a manter aceso meu intuito inicial.

Na carta, a mãe descreve uma situação em que questiona as recorrentes tentativas de controle e correções sobre o corpo da filha com deficiência. Como nomeia Chokler (2017, p. 36), algumas “atitudes ortopédicas de adestramento” tão frequentes aos corpos das crianças com deficiência e que só enxergam o corpo, deixando de lado o sujeito nesse corpo.

O sujeito não percebido em seu corpo e a tentativa de exilá-lo nesse corpo moldado, reverbera em mim o encontro com vozes em meu corpo que também foram silenciadas, um corpo socialmente adequado e, muitas vezes, impedido de se expressar na sua singularidade.

Este silêncio que de alguma forma todos nós carregamos advindo de nossas experiências em nos apropriarmos de nossos corpos.

Nesse processo, encontro, no corpo e na percepção do outro como alguém, um fio condutor para a tecitura deste texto.

O distanciamento social destes tempos me fez perceber o distanciamento de mim mesma e encontrei na escrita uma possibilidade de aproximação. Uma voz que emerge na necessidade de transbordar aquilo que estava represado. Chega com isso uma nova possibilidade: a de deslocamento.

Minha escrita permite que eu passeie por outros cantos.

Pegar lápis e papel, dar contorno ao pensamento, ocupar o espaço vazio do papel e, assim, abrir espaço interno. Esvaziar-me.

A escrita é essa voz silenciosa que encontrou uma maneira de manifestar-se. Uma voz sempre clama por ser ouvida. E, como movimento de *re-existência* a esses silenciamentos, dou vazão à voz da criança que fui um dia.

1.3 Vozes

Tantas vozes nos falam e nos apontam a direção... O que talvez não saibam é a distância do coração. Cada dia uma novidade. Tanta gente se dando bem. O que a poucos interessa é aquilo que só você tem. Insistem em nos igualar, em calar as nossas vozes, para que, assim, dependamos de suas ideias ferozes. Há muito a ser feito! Muito além do que se pensa! Mas, enquanto não pararmos, ficaremos em suspensão. Cada vez mais nos afastam daquilo que viemos ser, tentando nos ditar o que devemos fazer. Enquanto não silenciarmos essas outras tantas vozes que nos falam sempre alto – e nos deixam tão velozes – elas não respeitaram nosso ritmo de andar mais devagar. Sempre querem que corramos, insistem em nos apressar... Já chega! Não quero mais isso! Sou eu quem aqui decido. O volume irei abaixar daquilo que me é dito. Minha voz quero encontrar – meus saberes silenciados – para reconectar com o que tenho de sagrado. Aqui dentro do meu ser, algo insiste em falar “Vai e faz o que tem de fazer. E se deixa descansar”. Cada dia um novo dia. Cada momento um momento. Encaremos a mudança sem sofrimento. A mudança é constante nesta vida tão real. De assim querer fazer o que nos torna leal. Leal a você mesmo, aos seus valores e princípios. E vejo assim nascer quem estava desde o início. Minha alma então sorri. Meu ser assim se expande, por poder me encontrar comigo a todo instante.

Este trabalho de auto pesquisa culminou com o desejo de reunir conhecimento e experiência à maneira como me relaciono com meu próprio corpo e, assim, me desvelar nesta escrita, guiada pela urgência de darmos voz a tantas formas de se viver e tantas maneiras de ser.

Minha pretensão era a de acolher a minha própria narrativa e ser o outro que acolhe as narrativas das crianças que estão ao redor. Narrativas contadas por uma linguagem muito própria, a linguagem do corpo.

O que o corpo é capaz de comunicar sobre quem somos? Sobre nossos gostos e desgostos? Sobre nossas alegrias e tristezas? Sobre medos e certezas? Distantes dos nossos próprios sentir, nos distanciamos dessa forma de comunicação tão efetiva e singular.

Algumas palavras me geram inquietações e questionamentos quando nos referimos ao corpo humano: normal, padrão, funcional. Quais as métricas? Quais referências tomamos como prioritárias na escolha de palavras que definem um corpo, e mais: que definem o sujeito que habita esse corpo?

Buscar por um padrão e uma forma ideal que seja considerada funcional não nos permite reconhecer a vastidão que somos e, como propõe o sociólogo Le Breton, impedidos estaríamos de nos aproximar da largueza do mundo. Em suas palavras: “A experiência antropológica é uma maneira de desapegar-se das familiaridades perceptivas para recapturar outras modalidades de abordagens e sentir a multidão dos mundos que se escoram no mundo”. (Le Breton, 2016, p.19).

Pensar sobre “a multidão dos mundos que se escoram no mundo”, como afirma Le Breton, é possibilitar que todos tenham o direito de se sentirem pertencentes a ele e, antes disso, pertencer a seu próprio mundo, seu corpo.

O que pode um corpo?

O que pode um sujeito ciente de seu corpo e de suas habilidades?

Quais perdas temos por não convivermos com a diversidade?

No percurso desta pós-graduação, encontrei minha voz ao permitir que as tantas vozes em mim, reclusas dentro da própria casa, fossem integradas e ganhassem espaço e reconhecimento.

Autorizar, permitir, desconstruir, ressignificar a voz e o corpo. Escutar a voz do corpo.

A voz não só a linguagem verbal, falada, como facilmente podemos associar, mas como uma forma de expressão que encontra no corpo o meio para a manifestação pela dança, pela escrita, pelo canto, pelo movimento, pela intuição.

Tantas vozes que vão sendo introjetadas e que se sobrepõem a nossa voz e que precisam ser acomodadas para compor essa nossa linguagem.

A minha voz é composta, de certa forma, pela voz daqueles que me rodeiam e que comigo estabelecem um diálogo, verbal ou não. Uma voz que vai sendo tecida na minha relação comigo e com os outros.

Esses outros que, por vezes, irão ditar como agir, como fazer, como falar, como me portar e que não permitem espaço para minha voz.

Meu compromisso com esta escrita é trazer para as palavras aquilo que, em mim, foi mobilizado nessa leitura do mundo que são as crianças. Pela minha voz, narrar o que aprendi com elas nos encontros inesperados como o caminho apontado a seguir.

Olhar para a deficiência como uma característica humana e não como a palavra que nutre o conceito que ela própria carrega, a ideia da falta.

Como defende Skliar (2019, p. 15),

o descuido resultante de opor igualdade e diferença, deixando para essa última palavra uma conotação de negatividade que, como fatal desenlace, ninguém poderá se livrar, como se tratasse de um lastro acoplado ao seu corpo e à sua biografia. Como se a igualdade impedisse, rechaçasse ou negasse a diferença e fizesse dessa um estorvo, um obstáculo, o impedimento posto sobre um outro cujo “malefício” impede educar em paz.

A tirania da normalidade vem à tona quando tentamos padronizar e/ou enquadrar nossas formas singulares de expressão, por vezes, diagnosticando e medicalizando os que fogem à regra.

Esse poder hegemônico classificatório, que enquadra e designa por um nome que, sequer, identifica alguém por estar vazio de sentido, deveria estar em desuso, uma vez que não permite a apropriação do território corporal submetendo-o a moldes socialmente aceitáveis e desejáveis.

Para nos auxiliar a dar continuidade a esta reflexão trago algumas proposições de Carlos Skliar:

Somos únicos na pessoa que somos e múltiplos em nossas formas de expressão. [...] Poderíamos dizer, então, que a ilusão de normalidade tranquiliza a perturbação da diferença como presença singular e problemática no mundo. E é que há muitas maneiras de invocar palavras que nos tranquilizem, e muitas mais de procurarmos formas de pretender curar-nos. (Skliar, 2019, p. 164)

Uma coisa é certa: nos dá pena, muita pena, a exigência e a opulência do normal. Toda vez que alguém diz ‘é normal’, um fruto seca e se joga do alto de uma árvore, uma criança adormece sem desejar e uma conversa fica interrompida para sempre. (Skliar, 2019, p. 167)

Nossas diferenças deveriam ser cuidadas e cultivadas, uma vez que elas nos tornam singulares. Quando nós, adultos, começamos a recusar as propostas para sermos artificiais, para atender a um padrão supostamente aceitável, talvez, deixemos de impor padrões também às crianças.

1.4 Grito

Re-existir é mostrar a cada um de nós

Tão limitados em nossas visões

Que existem muitas maneiras de ser

Não me venham com senões

Esse pensamento transposto para o papel me fez perceber que meu campo de pesquisa era o corpo: adentrar esse território do qual nos afastamos ou fomos afastados.

O corpo território. Esse lugar que se ocupa e que está onde quer que estejamos.

O corpo em ação. O corpo lugar. O corpo habitação. O corpo espaço. O corpo tempo. O corpo experiência.

O corpo calado. Silenciado. Corrigido. Esculpido. O corpo moldado pelas experiências e que carece correção. Aquilo que aponta algo de mais ou de menos e que, portanto, é encaixado num molde.

Encaixar o corpo num molde pré-fabricado é como viver a vida usando uma roupa apertada, não há conforto nessa condição. Além disso, limita, e muito, o movimento e todas as suas formas de expressão.

Movimento é linguagem, é a voz do corpo, é a forma que o sujeito que habita esse corpo encontra para manifestar aquilo que sente onde lhe faltam palavras. Palavras faltam quando adentramos o campo do sentir e da experiência. E podem faltar também por qualquer que seja o motivo.

A linguagem aqui é entendida como a forma ampla que vai muito além da manifestação verbal. Essa voz carece ser ouvida e, para que nos alfabetizemos nessa leitura que demanda tempo e atenção, nos vemos diante de uma ressignificação daquilo que nos foi apontado como direção.

Ir afrouxando também as roupas que escolhemos usar ou que nos foram vestidas, cujo desconforto nem tivemos a oportunidade de questionar ou manifestar.

Revisitar lugares internos, abrir baús que guardam memórias, imagens, sons, cheiros. Transpor aquilo que nossos olhos, por vezes julgadores, estão vendo e ir além daquilo. Entrelaçar saberes e, ao mesmo tempo, despir não somente o corpo, mas também a mente das roupagens que tentam enxergar a todos como um só. Essa nossa existência composta e integrada por todas as nossas partes.

“Não se trata de catalogar a diversidade dos modos de vida humanos, mas de unir-se ao diálogo. Trata-se, ademais, de um diálogo no qual todos aqueles que participam estão prestes a serem transformados” (Ingold, 2019, p. 19).

Tim Ingold, professor inglês de antropologia social, preconiza um tipo de antropologia que nos convida a perceber o outro, a compartilhar de sua presença e eu aqui, ousado dizer, que o convite se estende a nos maravilharmos diante deste outro que de certa forma também conta sobre nós.

O tipo de antropologia que eu defendo aqui tem um propósito diferente. Não se trata de interpretar ou explicar o comportamento dos outros; não se trata de colocá-los em seu lugar ou consigná-los à categoria dos 'já conhecidos'. Ao contrário, trata-se de compartilhar da sua presença, de aprender com as suas experiências de vida e de aplicar esse conhecimento às nossas próprias concepções de como a vida humana poderia ser, das suas condições e possibilidades futuras. (Ingold, 2019, p. 10)

Uma antropologia da relação foi o que procurei desenvolver nesta escrita. O desafio de me relacionar com quem não conheço, com quem não convivo, com quem de que tenho pouco ou quase nenhuma informação, mas por cujas experiências comigo compartilhadas me permiti atravessar.

2. Corpo

É o corpo que nos faz ser essencialmente seres de relação com o mundo e com os outros. Nessa perspectiva, o corpo não é uma coisa nem uma ideia abstrata, ele é presença sensível e intencional, que faz do sujeito perceptivo uma consciência encarnada no mundo, capaz de reaprendê-lo constantemente. (Santos, 2016, p. 16)

Convido-o a juntos, nos lembrarmos do que já ouvimos a respeito de nossos corpos. Comece por uma fase mais recente e vá, aos poucos, caminhando em direção a sua adolescência e a sua infância. Pouco talvez nos lembremos do início da vida, mas nossos corpos, certamente, não esqueceram a forma como foram olhados ou tocados.

Ouvimos, talvez, que tínhamos muita ou pouca energia, muito ou pouco peso. Que meninas deveriam brincar com bonecas e os meninos com carrinhos. Que meninas deveriam 'fechar as pernas' e que meninos 'não choram'.

Como nossos corpos existiam nos lugares que frequentávamos?

Muitas dessas mensagens evidenciam acerca da concepção de corpo ideal que muitos ainda têm.

A linguagem do corpo é carregada de significados e a ela deveria ser dada maior importância e visibilidade.

Eu me recordo quando entrei pela primeira vez numa escola de educação infantil para dar aulas de yoga para as crianças. Lá pude perceber o quanto o corpo era deixado de lado no processo educativo, era como se o movimento coubesse somente às aulas de educação física ou aos professores 'especialistas'.

O corpo como algo a ser disciplinado e, de certa forma, contido por sugestões de posturas como o 'sentar com perninha de índio', quando a criança permanece com as pernas cruzadas seja para brincar, seja para compor uma roda. A presença de mesa e cadeiras em salas de crianças bem pequenas também sugere padrões corporais esperados pelos adultos que não levam em conta as particularidades do indivíduo e o restringem a um corpo mecânico, desconectando completamente o pensar e o sentir do agir.

Práticas de contenção corporal justificadas como formas de se estimular determinada capacidade, ao passo que, limitando o movimento da criança, ela terá sua comunicação prejudicada e a voz do seu corpo, calada.

Como uma proposta de reflexão as tantas formas de imposição postural e comportamental aos corpos infantis, deixo uma provocação de Ida Rolf, bioquímica americana, idealizadora da prática corporal Rolfing, e estudiosa das estruturas humanas; ao nos falar sobre a palavra *postura*:

Etimologicamente, a palavra *postura* contém um elemento de posição. Sua origem é a palavra *ponere* do Latim, “pôr”. O participio passado, *positum*, significa “posto”. Aplicada aos seres humanos, *postura* significa que alguma coisa foi posta, ou, na maioria dos casos, forçada para dentro de um espaço ao qual ela não pertence adequada e estruturalmente. (Rolf, 1999, p. 15-16)

O corpo da criança desde cedo se transforma num espaço de confinamento de um sujeito desejoso de se sentir e de sentir-se no mundo, de entrar em relação consigo e com os outros.

A aprendizagem se dá em todo o corpo e com todo corpo participando desse processo. Essa narrativa corporal permitirá que aspectos da subjetividade emergjam e a experiência vivida seja significativa e cheia de sentido, isso ocorre de modo único.

Le Breton, grande estudioso francês da corporeidade, nos fala desse corpo de percepções que vê, sente, toca, ouve e saboreia o mundo com o qual se relaciona: “O corpo não é uma matéria passiva, sujeita ao controle da vontade, por seus mecanismos próprios; ele é de imediato uma inteligência do mundo, uma teoria viva aplicada ao seu meio ambiente” (Le Breton, 2016 p. 28).

E, Danilo Santos de Miranda, diretor do Serviço Social do Comércio (Sesc) São Paulo, faz referência à diversidade gestual dos corpos ao prefaciar o trabalho desenvolvido por Ivaldo Bertazzo com jovens adolescentes de comunidades com baixa renda, que culminou com a escrita do livro *Espaço e corpo*:

Na diversidade do corpo, expressão concreta da diversidade de gestos, traduz-se a multiplicidade de pensares, imagens, sonhos e desejos, cada qual respeitado em sua integridade, particularidade e autonomia. Constrói-se um movimento de harmonia praticando o improvável – a reunião do diferente no comum, do semelhante no diverso. (Miranda, 2004, p. 5-6)

Somos, por eles, convidados a perceber a pluralidade dos corpos e sua própria e singular natureza que torna o sujeito um construtor ativo de suas ideias, de seu movimento, de suas formas de comunicação, de sua gestualidade e de sua relação com o mundo.

Tornando-se, assim, ator e não espectador de suas experimentações corporais.

O mesmo silenciamento corporal tende a acontecer em muitas terapias propostas às crianças com deficiências, cujo foco do atendimento encontra-se na quebra do padrão imposto pela patologia, e não na criança, sujeito em seu corpo.

Sujeito que deveria ser visto e ouvido além de seu diagnóstico.

A contenção dos corpos e a superestimação das mentes é ponto central comum, seja na escola, seja nas terapias.

Muitas propostas direcionadas às crianças acabam por interferirem nos processos espontâneos de descoberta dos movimentos do próprio corpo e do conhecimento de si,

justamente por desconsiderarem o desejo da criança à ação, como nos alerta Myrtha Chokler:

Sua capacidade de conhecer e aprender está sempre presente, enquanto os adultos responsáveis não se encarregarem de desqualificá-los, sobre exigí-los, invadi-los, ou violentá-los até esgotar ou apagar sua pulsão de conhecimento, sua curiosidade pelo mundo, seu desejo de ser sujeito, convertendo-o em um objeto submetido e sujeitado às expectativas dos outros, ainda que com as melhores intenções. (Chokler, 2017, p. 41)

Agnés Szanto Feder, húngara, doutora em psicologia, em seu livro *Uma mirada adulta sobre el niño em acción* faz apontamentos ao papel do adulto como acompanhante do processo de construção motora da criança. Nele, ela faz uma referência à Myrtha Chokler que questiona a negação de um ritmo de desenvolvimento diferente do considerado normal, onde se

[...] justifica a hiper estimulação e a manipulação da criança como um objeto adestrável por parte do adulto, cujo papel essencial é, então, estimulá-la. Mas, a invasão e a sobre exigência sofridas por esta criança, na realidade, em nossa opinião, esconde formas sutis de desvalorização e negação da criança que está aqui e agora, forçando-a se tornar quem deveria ser, sem se importar muito se a atinge ou não, a partir de escalas, medidas, modelos ou dos desejos mais ou menos conscientes de seus responsáveis. Esta reflexão adquire toda sua dimensão quando nos deparamos com crianças em situação de risco ou que já apresentam graves perturbações no seu desenvolvimento. (Chokler *in* Feder, 2014, p. 44)

Faço, aqui, um apontamento às terapias convencionais que são amparadas pelo choro e pelos gritos, por muitos outros desconfortos, não só físicos, mas também emocionais, dessas crianças, em que seus corpos tentam a todo custo se fazerem ouvidos.

Depois de algumas sessões, eles se acostumarão, pode-se dizer.

Sim, o humano tem uma incrível capacidade de adaptação às mais diversas e variadas situações, inclusive, situações estressantes e angustiantes. A pergunta que deixo é: às custas do que aconteceu essa adaptação?

Para nos auxiliar na elaboração de uma resposta, trago uma colocação de Judit Falk, pediatra húngara, colaboradora direta de Emmi Pikler e sua sucessora na direção do Instituto Pikler da Hungria: “Para a criança, a não aceitação do seu ritmo pessoal se traduz em uma não aceitação da sua pessoa” (Falk, 2010, p. 46).

Um sujeito anulado em virtude da exigência de um único modo de ser.

O ideal seria que os processos fossem norteados por elementos estruturantes, pois estamos ensinando às crianças a arte de confiar nelas mesmas e no entorno.

Confiar no adulto que compõe o entorno, que assegura suas descobertas sobre si mesmas, sobre o mundo e sobre os outros ao seu redor.

Adulto que exterioriza a confiança na capacidade das crianças de encontrarem, por si mesmas, as respostas às perguntas que elas se colocam, e, nessa hora, transmitir às crianças, através do olhar, da presença comprometida e interessada, a mensagem estruturante que diz: 'Eu vejo você! Você não está sozinho!'

Essa atitude do adulto, postura interna que se revela no externo, independe do local onde nos encontramos com as crianças, pode ser em casa, na escola ou numa clínica.

Maria Montessori, médica italiana, especialista em pedagogia e neuropsiquiatria infantil, desenvolveu um método educacional que teve sua base amparada e pouco falada em suas experiências com 'crianças especiais', termo referido em seu próprio livro. Em suas palavras:

A dificuldade que as crianças experimentam em se adaptar a um ambiente criado pelo adulto; a opressão que, tão frequentemente, o adulto exerce sobre elas sem mesmo dar-se conta disso, oprime a alma infantil, que não pode defender-se nem com palavras nem com atos: tudo isso enfraquece, ao mesmo tempo, o corpo e o caráter da criança. Fazer com que se sintam compreendidas, assistidas satisfatoriamente em suas reais necessidades, é abrir-lhes as portas da saúde. (Montessori, 2017, p. 69-70)

Saúde assegurada não somente pelas condições físicas, mas, também, por condições emocionais, intelectuais, morais, reconhecendo o ser integral que somos e nos interessando pelo desenvolvimento global da criança, como nos propõe o educador físico e doutor em educação, Luiz Anselmo dos Santos:

A aprendizagem humana não ocorre somente na esfera da dimensão intelectual. Aprendemos com a totalidade de nosso corpo, com nossa sensação, percepção, imaginação e intuições estimuladas pela intersubjetividade. O corpo é sempre um testemunho vivo da permanente existência de um mundo sensível, constantemente percebido, mesmo que este seja posto em dúvida. (Santos, 2016, p.15)

O reconhecimento desse ser integral não pode fragmentar o sujeito em cabeça e corpo, como duas unidades desconexas; mas, sim, enxergá-lo como alguém que aprende e que vive com o corpo inteiro. Assim como nos sugere Santos, "o ser humano deixa de ser entendido como a soma das partes e passa a ser um sistema de interações que se relaciona." (Santos, 2016, p.16)

A conquista do prazer de ser dono do próprio corpo, proporcionada pelo movimento livremente iniciado, desperta uma sensação prazerosa que é distinta daquela que o automatismo de movimentos padronizados e manipulados geram.

2.1 Movimento livre

A partir do ponto de vista da criança, os estágios menos espetaculares não são tempos vazios de espera, ou de “estagnação”, mas etapas importantes de tentativas ou de ensaios de experiências, de descobertas e exercícios, durante os quais a criança se coloca tarefas cujas soluções são acessíveis a ela naquele momento. Desse modo, pode adquirir informações sobre seus próprios atos e efeitos. [...]podem parar e começar, ou modificar seu projeto de ação e, mediante as suas experiências, aprimorar sem cessar as aquisições anteriores. (Falk, 2010, p. 43)

Emmi Pikler (1969), pediatra húngara, não acreditava que o bebê tivesse necessidade direta da intervenção do adulto na construção de sua autonomia motora.

O bebê que tem a oportunidade de praticar seus movimentos seguindo seu próprio ritmo e iniciativa aprende a dominar seu corpo. Aprender a olhar para aquilo que eles já sabem fazer, enxergá-los capazes e acolher as suas iniciativas é o início da construção de uma relação de confiança mútua.

O ato motor garante, desde o início, a função de expressão da afetividade. É por meio dos gestos, expressões faciais e agitação corporal que o bebê se dirige ao outro com uma manifestação ou solicitação.

Pikler (1969), sugere que o adulto saiba observar o bebê a uma distância adequada e, ao mesmo tempo, com a proximidade de uma relação participativa. É o que ela chama de “presença com distância”.

Cada movimento tem sua própria coreografia e traduz uma forma de comunicação estabelecida, um encontro com si mesmo e com o outro.

Para isso, os adultos responsáveis devem criar condições que permitam esse desabrochar por meio do uso de roupas adequadas, espaço seguro, e externar confiança em sua competência.

Nessas condições, o bebê consegue, por sua própria iniciativa, realizar movimentos bem equilibrados como virar-se de barriga para baixo, rolar, rastejar, colocar-se em quatro apoios, sentar-se e ficar em pé.

A ideia de bebê competente, em estreita relação com o conceito de entorno ótimo ao desenvolvimento, é uma das características mais definidoras das contribuições de Emmi Pikler à primeiríssima infância.¹

A atividade autônoma significa que o adulto deixa tempo e espaço ao bebê, sem intervir de maneira direta em seus movimentos, permitindo que se desenvolva livremente, seguindo seu próprio ritmo e interesses.

¹ Período da vida que vai da gestação aos três anos de idade.

A conquista de uma postura se evidenciará pela tranquilidade e criatividade do bebê.

Destaco Myrtha Chokler, que nos ajuda a pensar:

Das experiências como pediatra e humanista de Pikler emergem os valores profundos em que se apoiam: o absoluto respeito pela criança, por sua maturação, por sua autonomia, por suas iniciativas; o reconhecimento da imperiosa necessidade de uma permanente segurança afetiva e a necessidade de construir progressivamente a confiança e segurança em si mesma – registrada, sentida, a cada instante nas fibras mais íntimas de seu próprio corpo. Premissas essenciais para garantir a qualidade de suas vivências primordiais no maravilhoso caldeirão onde se forma seu *ser pessoa no mundo*. (Chokler, 2021 b,p. 2)

Desses conceitos me aproprio e os estendo às crianças com deficiência. Na verdade, por estarmos nos referindo a conceitos tão fundantes, em meu ponto de vista, há a possibilidade de abraçar a todos com suas ideias.

O desenvolvimento não poderá ser bem-sucedido sem a participação da própria criança. Seu corpo é como um campo de experimentação conectado com a potência que não nega a doença ou a limitação, que são suas características.

Se o nosso corpo nos pertence, podemos aprender a nos relacionar com ele. Um caminho que nos leva a ser nós mesmos.

O adulto é como um aprendiz da forma como a criança se coloca no mundo, para isso cultiva a atenção e a escuta atenta que nasce da curiosidade diante do desconhecido.

A criança nos aponta a todo instante através de uma linguagem muito própria os meios que nos aproximam quando nos dispomos a conhecer quem está diante de nós, como nos aponta Myrtha Chokler,

Se nós temos que motivar a criança significa que elas não teriam motivação. Não estão motivadas, não têm interesse. Esta é uma concepção de criança, nós sustentamos outra. Talvez, nosso desafio seja conhecer quais são as motivações das crianças, em cada idade, em cada etapa. Conhecer quais são seus interesses, para criar um mundo acessível, para que esses interesses possam ser encontrados, exercitados, integrados, a partir das perguntas e das hipóteses que as crianças se formulam. (Chokler, 2021 a, p.2)

De onde nasce o impulso para mover-se?

Na criança, o movimento é tudo o que pode dar prova de sua vida psíquica e a traduz por completo, pelo menos até o momento em que aparece a palavra. Eu diria um pouco mais, que não é só até o momento em que aparece a palavra, se não até o momento em que domina a palavra, que é bastante tempo depois. (Chokler, 2021 a,p. 3)

Ressignificar o olhar que apequena e julga e identificar as singularidades desses processos, dos percursos de aprendizagem e de conhecimento de si.

Qual o percurso que faz com que cada um seja um?

Se o corpo é lugar de experiência, que experiências consigo ter em que o movimento deste corpo traga alegria?

O que um olhar afetuoso sobre este sujeito pode desvelar?

Eliminar os ruídos que pareçam insignificantes é um treino quando estamos iniciando processos meditativos, ele se estende para aquele olhar que busca pelas competências, eliminar aquilo que turva o olhar.

Olhar para a criança como o sujeito potente que ela é atravessada pela curiosidade que a move e pelo desejo de se sentir pertencente ao espaço que ocupa, assim como nos conta Myrtha Chokler,

A criança é um ser que se desenvolve a partir dos outros, com os outros e em oposição aos outros como um sujeito que outorga sentido a relação e a transformação recíproca. Pessoa sempre inteira, muito além da normalidade ou da patologia, muito além do que tenha ou do que falte, em interação com o meio que o aninha, permitindo que produza em si mesmo, uma série de transformações sucessivas que constituem seu processo particular, original de crescimento, de desenvolvimento, de separação e individuação, de constituição do ego, para se tornar um sujeito histórico e cultural, na passagem progressiva do predomínio da dependência ao predomínio da autonomia. (Chokler, 2021 b, p. 6)

2.2 Expressão – voz do corpo

Vozes silenciadas.

Corpos moldados.

Sussurros. Gritos. Gestos.

Movimentos.

Quem vê? Quem ouve?

Um desejo: habitar-me.

O corpo humano é um veículo de comunicação e expressão. Para nos inspirar a refletir sobre a temática da expressão trago uma citação do educador Luiz Anselmo dos Santos:

A expressão corporal é uma maneira utilizada, organizada, onde o sujeito se expressa para o outro ou com o outro através, do seu corpo, reafirmando seu estar no mundo, isto é, uma linguagem que possibilita ao indivíduo sentir-se, perceber-se, conhecer-se e manifestar-se. É um

aprendizado em si mesmo: o que o indivíduo sente, o que quer dizer e como dizê-lo. (Santos, 2016, p. 197)

A expressão corporal é uma conduta espontânea, é uma linguagem através da qual o ser humano revela emoções, sentimentos e pensamentos com seu corpo, integrando-o, assim, às suas outras linguagens significativas como a fala, o desenho e a escrita. (Santos, 2016, p. 197)

Expressão é a maneira como podemos ver nossos pensamentos e sentimentos materializados por meio de palavras, gestos, sons, movimentos. Nos expressamos para comunicar, mas sobretudo nos expressamos para sermos no mundo.

O corpo é o caminho através do qual manifestamos nossos desejos e por meio do movimento temos a possibilidade de externar a ação que se iniciou internamente.

Nosso corpo é a tela onde nossos movimentos serão desenhados, eles marcam nosso lugar no mundo, e confirmam nossa existência por meio da relação que estabelecemos com os outros e com o mundo.

Sobre esse corpo desejoso de se manifestar, Inês Bogéa, bailarina e doutora em artes, aponta:

Todos os esforços não querem outra coisa, afinal, senão tornar visível as possibilidades do corpo ocupar o espaço, como unidade integrada e rica de capacidades. Aprender um gesto, neste sentido, também significa aprender a sobreviver. Ou ainda: aprender a viver. (Bogéa, 2004, p. 119)

Aprender a viver no próprio corpo, a se relacionar com ele assumindo o protagonismo da ação.

A criança tem necessidade de se movimentar e ter suas próprias experiências e não ser direcionada pelo adulto o tempo todo. Esse adulto que lhe dita constantemente como agir, como falar, como se comportar; ele também é quem decide o que é melhor para a criança.

Quando os direcionamentos dados pelos adultos, não levam em consideração a diversidade de naturezas, temperamentos, tendências, dons, origens multiculturais, preferências, habilidades, canais expressivos individuais, dificuldades ou limitações das mais diversas ordens; o protagonismo que, efetivamente as crianças exercem de forma espontânea, a partir das possibilidades de se expressarem e se colocarem no mundo, se transforma ou tende a desaparecer. (Friedmann, 2021, p.2)

Com Adriana Friedmann, educadora e antropóloga, continuo a reflexão sobre adultocentrismo:

O adultocentrismo que caracteriza as sociedades tradicionais – refere-se às decisões que adultos tomam para e pelas crianças, não dando voz nem abrindo espaço de escuta – é uma postura que precisa ser repensada nos contextos educacionais e sociais nos quais crianças convivem e crescem. Decidir pelas crianças sem considerar o que elas sentem, pensam, o que as interessa ou aquilo de que precisam, no que diz respeito aos seus tempos, espaços, brinquedos, atividades, companheiros, entre tantos outros; privá-las, afastá-las ou não dar-lhes diversidade de oportunidades; pressioná-las, força-las a participar de atividades; avaliá-las, compará-las, classifica-las ou colocar sobre elas grandes expectativas; não podem – nem deveriam – tornar-se tendências ou parâmetros para se pensar ou possibilitar o ‘protagonismo infantil’. Trata-se de um movimento espontâneo. Portanto, forçar, obrigar, empurrar as crianças a participarem de determinados ‘fóruns’ ou situações; ou a falarem ou colocarem aquilo que os adultos gostariam de dizer por elas ou ouvir delas, não é protagonismo. (Friedmann, 2021, p. 3)

Por vezes, dessa relação de poder designado ao adulto sobre o corpo da criança advém um mutismo, um corpo silenciado não só em suas palavras, mas também em suas formas de expressão. E à criança resta a submissão e execução daquilo que lhe é imposto.

Depois de ter conseguido, com a ajuda do adulto, experiências corporais e atividades mais evoluídas do que teriam conseguido executar sem ajuda, estas crianças podem perder facilmente o prazer de exercitar as atividades que mais lhe convêm, conforme o seu verdadeiro nível de desenvolvimento. Com frequência, ao invés de se sentirem mais confiantes em si mesmas e cada vez mais independentes, as crianças acabam se tornando inseguras, desajeitadas, e isto será assim, não só durante a primeira infância, mas definitivamente. (Falk, 2010, p. 45)

O convite é olhar para o movimento como a oralidade do corpo e ver emergir junto a ele os impulsos internos do desejo dessa exteriorização, disso que comunica ao outro a minha presença e vontade de estabelecer uma relação dialógica.

O corpo da criança/do outro evoca sensações não só aos olhos de quem a acompanha, mas também a todo corpo que é, também, um corpo permeado de memórias, o que instiga a curiosidade por conhecer mais profundamente aquele indivíduo e sua história.

Coloco-me, aqui, como uma pessoa interessada pelo outro, que se permite afetar e atravessar pelas relações humanas.

Como profissional do corpo, procuro compreendê-lo e senti-lo. Olhá-lo não somente por seus aspectos físicos, mas também, e principalmente, para a subjetividade que o integra.

O adulto que se dispõe a trabalhar com crianças precisa estar disposto a conhecê-las mais do que a dominar técnicas e ser profundo conhecedor de tabelas classificatórias.

Precisa estar disposto a atravessar um processo no qual há um permanente diálogo entre teoria e prática, uma mudança de postura como ressalta Friedmann,

A grande diferença é a mudança na postura daquele que se considera detentor da verdade, do conhecimento, que se propõe a ensinar, para uma atitude de humildade na qual se quer aprender, compreender, reavaliar pré-conceitos, verdades e regras, e abrir-se para conhecer e reconhecer novas paisagens, novas linguagens. (Friedmann, 2013, p.160)

Por meio do corpo, o ser humano narra, sente, se relaciona, compreende, interpreta, experimenta, vive.

Experienciar uma vivência significativa em nosso próprio corpo, com um entorno que assegure a experiência do prazer da ação e do gesto é o que nós almejamos.

Encaixar-se é assumir forma externa. Pertencer é interno.

É a travessia de um corpo passivo para um sujeito ativo.

Essa reflexão sobre o corpo me auxiliou a tecer esta narrativa:

O corpo é o próprio sujeito. Sendo assim, deve aprender a assimilar o mundo e a se situar nele com o próprio corpo. Desta forma, transcorre a necessidade de ser corpo, sendo que cada corpo é uno, tem sentimentos diversos, reage diferentemente a estímulos variados e possui sua forma e seu tempo de aprendizagem. (Santos, 2016, p. 206)

3. Encontros

O caminho da observação presencial precisou ter sua rota alterada devido à pandemia de covid-19. Muitas dúvidas e questionamentos surgiram dessa reclusão social.

A janela virtual que se abriu no ano de 2020 e que permitiu, de certa forma, a aproximação não física, e que tentava diminuir as distâncias, foi o meio que se apresentou nas condições que tínhamos.

Como o leitor já deve ter pressuposto pelo que leu até este ponto, compartilho com Friedmann (2013, p. 31) a forma como ela vê as crianças:

Quando defendo a importância de dar voz às crianças, sustento que elas estão permanentemente falando, dizendo, expressando, por inúmeros meios, seus sentimentos, percepções, emoções, momentos, pensamentos, mesmo sem consciência de fazê-lo.

Quando sustento a necessidade de ouvir as crianças e não querer enquadrá-las, isto também diz respeito à importância de nos determos e percebermos nossos próprios sentimentos e percepções – nossos e delas.

Crianças que me atravessam com suas histórias, sujeitos em seus corpos.

Três crianças em suas casas, duas delas, Alice e Melissa, sob o recorte do olhar das mães, e uma, Gustavo, sob o olhar da fisioterapeuta, são a fonte de inspiração para a tecitura da minha escrita.

Imagens que ofereceram material para pensar como elas se relacionam com o mundo, descobrindo, experimentando, brincando, vivendo, e lá reforçam o papel de um sujeito ativo e potente; de intenções próprias, sentimentos e desejos.

O que aquele instante poderia me ensinar?

O que cada criança desejava expressar ao mundo em suas ações?

O que seus corpos contavam sobre elas?

Essas foram algumas perguntas que me fiz e que, de alguma maneira, me acompanharam enquanto eu assistia aos vídeos que foram encaminhados com as devidas autorizações, cujo endereço para acesso encontra-se nas notas de rodapé de números 2,3 e 4.

Nesse processo de investigação, pude também aguçar minha escuta provocada por Claudio Thebas, educador, escritor e palhaço, neste convite a despir-nos do conhecido e adentar o desconhecido.

Como ele bem esclarece:

Escutar o outro é escutar o que realmente ele diz, e não o que nós, ou ele mesmo gostaria de ouvir. Escutar o que realmente alguém sente ou expressa, e não o que seria mais agradável, adequado ou

confortável sentir. Escutar o que realmente está sendo dito e pensado, e não o que nós ou ele deveríamos pensar e dizer. (Thebas, 2019, p. 31)

Escutar é entrar em contato com o sujeito que narra sua história.

Cuidei do silêncio que a observação, a leitura, a escuta dos vídeos provocaram em mim. Não queria me prender em palavras, em tentativas de traduzir ou decifrar aquilo que cada criança estava me contando ali. Eu queria senti-las, percebê-las, deixar-me afetar e, com elas, me relacionar naquele breve instante.

Thebas (2019, p. 244), além de me contar sobre a escuta, me lembra sobre

certas disposições que temos quando criança:

1. A atitude de curiosidade diante do outro e do mundo.
2. A propensão a se espantar e admirar o mundo.
3. A inclinação a explorar usos e sentidos não óbvios das coisas e dos outros.
4. A facilidade para ligar-se aos outros e ensinar nossa forma de brincar.

Mais um convite feito e aceito para me conectar com a minha criança, começar a escuta e a observação a partir de mim. Deixar emergir a curiosidade e a propensão ao espanto e me encantar com a leitura de mundo que as crianças me permitiram realizar.

O afinamento da observação por meio da auto-observação, este prestar atenção que Ingold sugere: “Todo estudo demanda observação, mas, na antropologia, a observação se dá não pela objetificação dos outros, mas prestando atenção a eles, vendo o que fazem e escutando o que dizem. Estudamos com as pessoas, ao invés de fazer estudos sobre elas” (Ingold, 2019, p. 12).

Observação que vem sendo lapidada ao longo dos anos e que ganha ainda mais sentido ao encontrar com provocações como a que propõe a educadora Sandra Eckschmidt:

O que quero frisar é que existe uma antecipação do adulto em sua observação, e isso pode se tornar um hábito. Pensamos estar atentos, observando, mas estamos antecipando a ação e, assim, deixando de ver. Isso acontece em todos os âmbitos da nossa vida, mas, em especial para o educador, pode se tornar um empecilho. A criança merece, de nós educadores, o olhar aberto para a expressão de sua individualidade. (Eckschmidt, 2015, p. 19)

A observação que parte de uma leitura de mundo, com menos julgamento e maior aproximação da necessidade do outro.

Estar com elas, mesmo que por intermédio de uma tela e de um recorte, me permitiu observar o movimento de seus corpos e me fez lembrar de uma frase de Antônio Prata, em seu livro *Nu, de botas*. Nesse livro, ele narra passagens marcantes de sua infância e, em uma delas, relatando suas peripécias corporais, coloca: “assim me sentia no domínio do meu corpo e senhor da minha vida” (Prata, 2020, p.21).

O domínio do próprio corpo nos coloca como senhores das nossas vidas!

Aquilo que Ivaldo Bertazzo, professor de terapias corporais, chama de ‘presentificação’ do aparelho corporal, resultado da auto-observação, da internalização, da elaboração do gesto.

“Cada pessoa deve estar presente em seu corpo e ter seu corpo presente para si” (Bertazzo, 2004, p. 13).

Cada criança experimentando o corpo, os movimentos resultantes dessas tentativas, o controle exercido sobre a respiração, sobre os músculos que vão se organizando para externar a ação por elas planejada, é uma verdadeira dança de forma única e singular.

E isso permite me aproximar do que Larrosa coloca como experiência:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abris os olhos e ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar os outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (Larrosa, 2014, p.25)

Precisei adentrar o campo do sentir e me permitir afetar por aquilo que eu estava tendo a oportunidade de observar. O tempo cuidou de fazer germinar as palavras, numa composição de saberes inspirada pelo desejo de me conectar às crianças.

A seguir, trago em forma de versos o que pude apreender dessa experiência. Este é o momento em que você começará a desembulhar o presente que lhe ofertei algumas páginas atrás.

Convide sua criança para lhe auxiliar, pode ser que ela queira abrir rapidamente para logo descobrir o que tem dentro do embrulho, pode ser que ela irá chacoalhar o pacote e tentar adivinhar o que está guardado lá dentro, e ainda pode ser que ela vá abrindo bem devagar, rasgando o papel, encantando-se com o barulho provocado pelo rasgar da folha e descobrindo, nesse intervalo, que a embalagem também faz parte do presente.

Independentemente da forma como abrirá, meu intuito é que você se alegre com o que irá encontrar.

Receba cada presente conectando-se com a singularidade de cada criança, perceba e sinta essa linguagem própria que é a do corpo e a sutileza em cada ação por elas manifestada.

Encante-se com a dança de seus corpos e os desenhos que eles imprimem no espaço circundante e como isso é capaz de fornecer informações sobre a vastidão de seus seres.

3.1 Alice

Num dos primeiros contatos com Mariana, ela me enviou um vídeo² da Alice, sua filha, uma menina, então, de 6 anos, que me contava sobre ela numa tentativa exitosa de descer do sofá de sua casa.

Senti-me desafiada a olhar para aquele vídeo e, com base nele, tecer a escrita do meu trabalho. Assisti de diferentes formas, pausando, com som, sem som, repetidas vezes, até que em determinado momento um diálogo havia ali se iniciado.

Minha criança conversando com a criança Alice e, ali, naquele momento, cada uma sendo quem era. Explorando as possibilidades de seus corpos, sem limites, com contornos seguros e asseguradores.

Um vídeo curto, de quase 30 segundos, num recorte de ação feito pela mãe, Mariana. A menina está deitada no sofá, com as pernas para o alto, apoiadas no encosto. Seu tronco deitado no assento, ocupando todo espaço. Ela veste uma calça de tecido flexível na cor rosa e uma blusa de manga comprida na cor cinza. Parte do seu cabelo, que está amarrado num rabo de cavalo, está para fora do sofá.

A mãe lhe pergunta: “tá relaxando, filha?”. Com o corpo e alguns sons, Alice responde iniciando um movimento de descida das pernas pelo encosto, até que faz uma pausa no braço do sofá. Seu tronco começa a girar, até que ela consegue descer do sofá, apoiando sua cabeça numa almofada que estava posicionada no chão, bem próxima ao sofá.

A mãe conclui o vídeo dizendo: “Caiuuuuuuu”.

Nessas palavras, era a conexão com a alma que falava por ela mesma ali.

De pernas para o ar

Nessa cena me encontrei

² Vídeo disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CGyNQnLJyak/?igshid=l5zu4k3xe2za>>. Acesso em: 23 abr. 2021.

Com a criança que fui um dia

E assim saboreei

Sua doce companhia.

Eu quero lhe agradecer

Por essa demonstração

Do que você consegue fazer

Quando está em comunhão.

Com graça e sabedoria

Experimenta com veracidade

Poder saborear

Essa tal liberdade.

De pernas para o ar

Um passo de cada vez

Assim você me mostra

Como é que faz, quando eu quiser tudo de uma vez.

Tem também uma pausa

Que pode ser de grande valia

Isso sim evitaria

Um monte de confusão.

Tem planejamento, tem ação

O que demanda qualquer situação

Mas vejo que aqui o que prevalece

É a entrega do coração.

Agora eu lhe faço um convite

De todo meu coração

Você topa seguir comigo

Nesta direção?

Me contar sobre seu dia
Esse tal cotidiano
Onde por vezes não se vê beleza
Num espaço cheio de surpresas.

Alice é uma criança que nasceu prematura e que, em decorrência de uma parada cardiorrespiratória, que durou 26 minutos, tem um diagnóstico de paralisia cerebral. Eu não a conheço além daquilo que sua mãe compartilha sobre suas descobertas no Instagram e ao mesmo tempo tenho a impressão de conhecê-la há tempos.

Nossa aproximação se deu em razão do vídeo que pude observar. Naquele momento, Alice disse algumas coisas que busco expressar a seguir.

Encontro certa dificuldade para trazer em palavras algo que foi vivido, sentido e, portanto, experienciado pela própria Alice; mas, ao mesmo tempo, diante de sua atitude determinada em arriscar-se a desafiar o próprio corpo a descer do sofá, me sinto convidada a me desafiar também. A chama da sua coragem, Alice, acende a minha.

Tentarei evitar uma tradução metódica sobre a sua ação corporal, o vídeo conta por si só.

O ar de satisfação que seu rosto transparece desde o início desta sua aventura me mostra o quão próxima do seu corpo e dela mesma, ela está.

Alice demonstra conhecer bem seu corpo, e confiar na própria capacidade. Numa ação ousada e potente assume o controle sobre seus gestos, calculando meticulosamente o tempo de ação para promover o encadeamento entre eles e conseguir concluir seu objetivo.

A sua vontade de agir permitiu que ela desafiasse seu corpo e seu equilíbrio construindo bases sólidas para suas conquistas não só motoras. Essa experimentação permitiu que ela afinasse o mais rico instrumento de relação e percepção que temos: nosso corpo.

O corpo insiste em se movimentar e ela vai se colocando desafios crescentes à medida que sua confiança vai aumentando, isso só é possível porque ela tem, ao lado, um adulto que a ampara e que permite suas descobertas.

Seu corpo indica um lugar de intimidade, de relação, de habitação; um lugar de existência. Você existe no próprio corpo!

O tempo das crianças é o tempo da vida que pulsa. O aqui e o agora.

Alice demonstra viver muito bem esse seu tempo e me faz lembrar de uma passagem do livro *O homem que roubava horas* (2007), de Daniel Munduruku:

Eu roubo as horas para lhes dar tempo.

Tempo de aprender a usar o tempo.

Quem tem hora não tem tempo: tempo de olhar o tempo.

Será que vai chover?

Será que as flores já abriram?

Como será o arco-íris?

Qual a cor dos olhos dos meus amados?

Temos tempo para isso? Não!

Isso ocupa muitas horas.

E tocamos nossas vidas, olhando os relógios que marcam as horas de nossas vidas, e esquecemos de marcar nossas vidas no tempo! (Munduruku, 2007, p.25)

Na plenitude da sua entrega, Alice, vivencia a liberdade, faz suas investigações e se espanta com o mundo.

Ela vive intensamente o momento, entrega-se a ele, se dispõem a estudá-lo e dedica-se a exercer aquilo que a natureza nos outorgou: a sensibilidade.

Sensibilidade ao encontrar-se com o inesperado, a surpreender-se com o inédito da espontaneidade da sua ação.

A mesma sensibilidade que me permite perceber uma verdadeira abundância de possibilidades que se apresenta diante de meus olhos ao apontar suas competências e reconhecer seus esforços.

Isso me faz acreditar na educação que deixa de preparar as crianças para serem alguém e que reconheça que elas já o são!

Obrigada, Alice!

3.2 Melissa

Num outro momento, uma amiga fisioterapeuta que desenvolve um trabalho diferente do convencional no atendimento às crianças com deficiência dividiu comigo o vídeo³, feito pela mãe, de uma criança que ela acompanha desde o nascimento.

No vídeo, Melissa explora as possibilidades de seu corpo na tentativa de se colocar sobre os pés, tendo como apoio um banco largo e comprido. Ela inicia o movimento sentada no chão, transfere o peso para conseguir colocar as mãos apoiadas sobre o banco e, num impulso, coloca-se em pé. O banco é acoplado a uma mesa onde ela começa explorar o som das batidas de suas mãos. Usa o apoio das mãos para fazer

³Vídeo disponível no endereço: <https://www.instagram.com/tv/CF5focIHj_e/?igshid=1faddg118zuie>. Acesso em: 23 abr. 2021.

a transferência de peso para as pontas dos pés e, em seguida, consegue retornar à posição inicial.

Como faço para me erguer?

Como faço para me erguer?

Ei! Não tente me dizer

A conversa é comigo mesma

Dê-me tempo para responder.

Eu analiso, eu calculo

A que distância estou

E quanto mais posso fazer isso

Mais confiante eu sou.

Acreditar em mim mesma

Na potência que me guia

No desejo que me move

E confirmar o que eu previa.

Penso com o corpo todo

Analiso cada detalhe

Testo todas as possibilidades

E é isso que me vale.

Sei o que tenho sob os pés

Sem nem precisar olhar

Aciono todos os canais

Que me ajudam a pensar.

Minhas mãos querem sentir

Meu corpo se deliciar

Meu sorriso faz emergir

A vontade de brincar.

Tudo para mim é novidade
Não me canso de explorar
Por isto em liberdade
Eu quero sempre estar.
A você que me acompanha
Tenho um pedido a fazer
Não tente me enquadrar
Escute o que meu corpo tem a dizer.

Muito mais do que seus olhos
Podem captar num primeiro instante
Por isso falo do tempo
Que lapida o diamante.
Com entrega e paciência
Você irá entender
O que meu ser expressa
Na vontade de viver.

Melissa, uma bebê, na época do vídeo, de 1 ano e meio, com diagnóstico de trissomia do 21, me mostrou como cada criança traça uma trajetória única no seu processo de aprendizagem.

É papel do adulto proporcionar um ambiente adequado às experimentações e garantir um contexto seguro, e não ser fonte de estímulo direto ao desenvolvimento psicomotor da criança.

Aqui, o grande equívoco é parecer que o papel do adulto está sendo negado, quando, na verdade, ele precisa sair do protagonismo e reconhecer a autonomia da criança. No vídeo, ela, mostra como seu corpo se organiza de diferentes maneiras em busca do conforto que permita a descoberta e a exploração. Os ajustes corporais são capazes de nos contar sobre a forma como ela está estruturando seus pensamentos, que arriscarei contar a seguir.

Sua atitude destemida, Melissa, nutre minha vontade de enfrentar meu próprio receio ao tentar fazer uma leitura do que seu corpo está contando sobre você.

A experiência que está vivendo em seu corpo, os finos movimentos nos seus dedos das mãos e dos pés, as mudanças rápidas de posição demonstram a sensação do prazer associada ao movimento.

Você encontrou um corpo confiável para habitar, aprendeu a conviver com sua própria realidade corpórea dotada de muita potência e permissão. Você se autoriza a ser quem é!

Seus gestos são um convite a nos relacionarmos com o ser real, aquele que se apresenta diante de nós e não com um ser idealizado e inexistente. É como se você soprasse aos nossos ouvidos: *é uma delícia viver assim, se autoriza, também, a ocupar o próprio corpo.*

Você ainda nos auxilia a lembrar que cada criança tem um vasto repertório de linguagem que permite a elas se comunicarem, nós, adultos, devemos nos alfabetizar nesse modo tão peculiar que vocês elegem para se relacionarem conosco.

É essa alfabetização que permitirá a ampliação dos modos de ver, sentir, pensar e ser no mundo. É como ter diante de nós códigos secretos que nos convidam a decifrá-los e isso não cabe em manuais, tabelas ou escalas.

É uma produção artesanal, cada momento partilhado é único e singular, e o que ali está; é um verdadeiro tesouro.

Obrigada, Melissa!

3.3 Gustavo

Recebo, de minha amiga, fisioterapeuta, Daniela João, o vídeo⁴ de outra criança, Gustavo. Nesse vídeo, um recorte de sua terapia, ele está deitado em decúbito dorsal e, a seu lado, estão enfileirados três pinos de boliche de plástico nas cores azul, amarelo e vermelho. Por meio do movimento ativo de seu braço e mão direitos, ele consegue derrubá-los e alegra-se com sua conquista com uma gargalhada. No final, a fisioterapeuta comemora com ele.

Meu sorriso faz emergir

Temos olhos que apontam

Mais que os dedos das mãos

Se não cuidarmos eles confundem

E erram a direção.

Olhar para o que falta

⁴ Vídeo disponível no endereço: <https://www.instagram.com/p/B2U_ujznU5Z/?igshid=1h2066pjn5unv>. Acesso em: 23 abr. 2021.

Para o que não faz ou deixa de fazer
Não é assim a melhor forma
De observar o que eu tenho a dizer.

Eu estou aqui deitado
Lutando contra a gravidade
Para colocar em movimento
O que para mim é prioridade.
Não temos os mesmos objetivos
Cada um e cada qual
Fazendo como pode
Longe de qualquer ideal.

Pare, olhe me observe
Limpe o filtro da sua mente
Sinta como estou
Aprendendo divertidamente.
Calma, espere olhe o tempo
Não aquele do relógio
Aquele que nos convida a viver
Todo cheio de propósitos.

O que eu quero é agir
Experimentar a liberdade
Isso que é tão parecido
Com a tal felicidade.
Elas andam de mãos dadas
Quando eu posso ser
Meu sorriso aqui demonstra
Minha vontade de viver.

Minhas mãos eu aproximo
Do brinquedo ao meu lado
Paro, penso, dou-me tempo
Para então eu derrubá-los.
Minha risada alivia
Toda e qualquer tensão
Aquilo que às vezes
É fonte de preocupação.

Meu movimento é ativo
Por mim iniciado
Fico mais leve e feliz
Do que ser manipulado.
O corpo é um todo
Que não pode ser separado
Já chega dessa imagem
De um ser fragmentado.
Corpo, mente, emoção
Tudo isso me orienta
Mais do que qualquer suposição
É isso o que me sustenta.

Gustavo, uma criança com 10 anos e diagnóstico de paralisia cerebral tetraespástica, nos mostra como o ambiente livre de expectativas permite que ele formule perguntas e tenha tempo para encontrar as respostas. Esse ambiente é composto por um adulto que mantém uma distância que permite a descoberta e, ao mesmo tempo, a proximidade que preenche de confiança a criança que está sob seu acompanhamento.

A expressividade de seu corpo nos convida a aceitar o convite ao prazer e a alegria de compartilhar as miudezas e a simplicidade do cotidiano com as crianças.

Sua alegria, Gustavo, foi força motriz para eu construir minha escrita.

No vídeo, ele se expressa com cuidado, mostrando se importar com os detalhes ao agir com atenção para poder alcançar seu objetivo naquele instante.

Reforçando o que por Le Breton foi apontado ao se referir à atenção: “só aquilo que faz sentido, de maneira ínfima ou essencial, penetra o campo da consciência, suscitando assim um instante de atenção.” (Le Breton, 2016, p. 27)

Sua ação cheia de sentido e de intenção nos ensina sobre contemplação ao nos mostrar como brinca com presença e interesse naquilo que por ele foi iniciado. Nos faz refletir como nós, adultos ao nos incomodarmos com a quietude da criança acabamos por interferir neste estado e tiramos dela a chance de estar em contato com ela mesma.

Penso ainda, que querer a todo instante desviar a atenção da criança, deixando-a ocupada demais fora, acaba por gerar um estado de agitação. Essa agitação como resposta a um corpo que não quer se calar, que não quer ser calado e que não se conforma com imposições que lhe são outorgadas.

O corpo é esse lugar do imprevisível, das boas e bem elaboradas perguntas que irão, por vezes, gerar desconforto para que encontremos respostas. Isso que vai tornando a vida uma experiência divertida e interessante.

Em janeiro deste ano, Gustavo, deixou de habitar este corpo e este lugar. Foi fazer morada em outro plano. Tive muitas dúvidas sobre o que seria o mais correto a ser feito, escolhi confiar naquela voz que tanto insiste em falar, e não tinha como não narrar o tanto que com ele aprendi não só sobre movimento livre ou autonomia, mas acima de tudo, sobre a vida.

Obrigada, Gustavo!

Arremate

Há mais coisas numa vida humana do que permitem nossas teorias a seu respeito. Mais cedo ou mais tarde, alguma coisa parece nos chamar para um caminho específico. Essa “coisa” pode ser lembrada como um momento marcante na infância, quando uma urgência inexplicável, um fascínio, uma estranha reviravolta dos acontecimentos teve a força de uma anunciação: isso é o que eu devo fazer, isso é o que preciso ter. Isso é o que sou. (Hillman, 1996, p.13)

O que o corpo é capaz de comunicar sobre quem somos? Sobre nossos gostos e desgostos? Sobre nossas alegrias e tristezas? Sobre medos e certezas?

O que pode um corpo?

O que pode um sujeito ciente de seu corpo e de suas habilidades?

Quais perdas temos por não convivermos com a diversidade?

O que aquele instante poderia me ensinar?

O que cada criança desejava expressar ao mundo em suas ações?

O que seus corpos contavam sobre elas?

Ampliar a capacidade de perceber o outro na sua experiência e me aproximar de suas opiniões, inquietações, angústias, certezas e desejos, observando o que é vivido pelo outro e a isso doar sentido.

A teoria do fruto do carvalho, proposta por James Hillman, em seu livro *O código do Ser* (1996), ampliou minha busca por sentido e propósito. A teoria conta que a semente guarda em si a floração completa, isso me fez pensar no meu papel como adulto e a minha relação com as crianças.

Pensar no meu papel como jardineira que cuida do entorno, que escolhe o melhor lugar para que a semente receba a luz necessária ao seu desenvolvimento, regar com a quantidade certa de água para que cresça em harmonia e ao mesmo tempo confiar que cada criança assim como cada semente traz em si o potencial necessário a seu próprio desenvolvimento.

Meu papel, então, é cuidar desse entorno, garantindo um contorno que seja firme e flexível, estável e confortável, assegurador.

Um adulto que guia, ajuda, ampara e proteja, que dedica cuidados e se afasta de expectativas. Que reconhece na impermanência, nos desencontros, a necessidade de reinvenção diária e constante do seu espaço interno e que se abre ao diálogo onde pode não existir palavras.

E, como nos propõe Adriana Friedmann:

O primeiro passo para ouvir, olhar, ver e compreender começa com a possibilidade de um processo de autoconhecimento para ouvir e compreender nossas próprias vozes, descobrir nossos próprios canais expressivos e colocar ali nossas emoções e sentimentos. (Friedmann, 2013, p. 158)

Para que eu seja capaz de reconhecer as necessidades daqueles que estão ao meu redor, aqui me refiro prioritariamente às crianças, mas todos nos sentimos desejosos de pertencer a um grupo que acolha nossas necessidades, faz-se necessário que eu reconheça primeiro minhas próprias necessidades.

Acolher as diferenças que nos habitam e nos cercam, com respeito e empatia, fortalece nosso sentimento de pertencimento a um grupo que atua em prol das infâncias.

Um ensaio como o presente, tem o objetivo do deslocamento, ele me tira do lugar onde estou e me leva a muitos outros lugares possíveis. Esse cumpriu seu papel. Não sou a mesma desde quando peguei caneta e papel e comecei a rascunhá-lo.

‘Por que isso te incomoda tanto?’ foi a pergunta a mim direcionada no início da escrita deste ensaio enquanto eu questionava a maneira como as crianças com deficiência são tratadas em algumas terapias que olham para o corpo a ser corrigido sem considerar o sujeito.

As inquietações, as perguntas, os desconfortos, o não conformismo, o não comodismo compõem a força motriz desta minha aprendizagem e guia para a caminhada.

Uma pergunta, uma resposta. Uma boa pergunta, muitas respostas.

A boa pergunta instiga o ser a ser, a ser quem é, autêntico, único, singular. Ser perguntado é ser exposto. Uma exposição com dignidade, que te faz pensar, meditar, refletir.

A boa pergunta abraça a multiplicidade de olhares, possibilidades e pluralidades. Ela amplia a visão de mundo de quem a ousou responder.

Num mundo onde por vezes se almeja uma boa resposta eu ousou dizer que uma boa pergunta é luz.

Comecei oferecendo um presente que você já desembulhou. Gostaria de dividir um presente que eu recebi da minha filha mais nova, Stella, ao longo dessa travessia, numa noite em que me preparava para dormir:

“Mãe, a paz não é só uma coisa tranquila, é também liberdade. E, liberdade não é sair correndo de braços abertos, liberdade é ser quem você é.”

Desperta em mim

Desperta em mim presença e entrega.

Desperta em mim sorriso e inocência.

Desperta em mim confiança e coragem.

Desperta em mim leveza e alegria.

Desperta em mim sonhos e esperança.

Cuidemos das nossas crianças!

A minha, as suas e as que nos cercam.

Sejamos ousados nesse caminho do desvelar de quem somos!

Confiar na potência de um ato respeitoso é o meu caminho.

Obrigada, crianças!

Referências

- BERTAZZO, I. **Espaço e corpo**: guia de reeducação do movimento. São Paulo: Sesc, 2004.
- BOGÉA, I. A linguagem do corpo In: BERTAZZO, I. **Espaço e corpo**: guia de reeducação do movimento. São Paulo: Sesc, 2004, p. 119.
- CHOKLER, M.H. **La Aventura Dialógica de La Infancia**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Cinco, 2017.
- CHOKLER, M.H. Importancia de la libertad de movimiento em la génesis temprana de la subjetividad: sus condiciones y sus riesgos. **Biblioteca Virtual Rede Pikler Brasil**. Disponível em: < <https://pikler.com.br/wp-content/uploads/2018/08/MYRTHA.-Importancia-de-la-libertad-de-movimiento-en-la-genesis-temprana-de-la-subjetividad-ARGENTINA.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2021a.
- CHOKLER, M. H. Neuropsicosociologia del desarrollo. **Biblioteca Virtual Rede Pikler Brasil**. Disponível em: <<https://pikler.com.br/wp-content/uploads/2018/08/MYRTHA.-Neuropsicosociologia-del-desarrollo-ARGENTINA.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2021b.
- COHN, C. **Antropologia da Criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- DUNKER, C; THEBAS, C. **O palhaço e o psicanalista** – como escutar os outros pode transformar vidas. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.
- ECKSCHMIDT, S. **Ndiphilile: eu estou viva!** São Paulo: Eco livros, 2015.
- FALK, J. **Abordagem Pikler**: educação infantil. São Paulo: Omnisciência, 2010.
- FEDER, A.S. **Una mirada adulta sobre el niño em acción**. El sentido del movimiento em la protoinfancia. Buenos Aires: Ediciones Cinco, 2014.
- FERRO, F. Germinar. Letra de música. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=0Vu6THzEgJw>>. Acesso em: 23 abr. 2021.
- FRIEDMANN, A. **Linguagens e culturas infantis**. São Paulo: Cortez, 2013.
- FRIEDMANN, A, “Protagonismo infantil,” **Plataforma de Pesquisas - A Casa Tombada**. Disponível <http://biblioteca.acasatombada.com.br/omeka/items/show/1391>. Acesso em: 26 abr. 2021.
- HILLMAN, J. **O código do ser**. Uma busca do caráter e da vocação pessoal. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996.

- INGOLD, T. **Antropologia, pra que serve?** Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.
- KAUR, R. **Meu corpo minha casa.** São Paulo: Planeta, 2020.
- LARROSA, J. **Tremores:** escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- LE BRETON, D. **Antropologia dos sentidos.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.
- MIRANDA, D. S. de. Prefácio. In: BERTAZZO, I. **Espaço e corpo:** guia de reeducação do movimento. São Paulo: Sesc, 2004, p. 5-6.
- MUNDURUKU, D. **O homem que roubava horas.** São Paulo: Brinque-Book, 2007.
- PIKLER, E. **Moverse en libertad.** Desarrollo de la motricidad global. Madrid: Narcea, 1969.
- PRATA, A. **Nu, de botas.** São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- ROLF, I.P. **Rolfing:** a integração das estruturas humanas. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- SANTOS, L.A.M. **O corpo próprio como princípio educativo** – A perspectiva de Merleau-Ponty. Curitiba: Appris, 2016.
- SKLIAR, C. **O ensinar enquanto travessia.** Salvador: EDUFBA, 2014.
- SKLIAR, C. **A escuta das diferenças.** Porto Alegre: Mediação, 2019.

Anexo 1

Carta da Mariana, mãe da Alice, retirada de seu perfil no Instagram

É preciso usar as órteses o dia inteiro, do contrário, ela ficará com esse pé equino, sem função. Não poderá andar. É preciso fazer isso enquanto é criança, porque terá mais chances de ter pés normais. Ela vai acabar se acostumando, basta insistir.

– Sabe o que é, doutor, ela não tolera contenção. Chora muito com as órteses, sua de nervoso. E esse pé que fica em ponta, que o senhor diz que é preciso consertar, conta muitas coisas sobre ela. Esse pé em ponta pede para sair da cadeira de rodas, confirma que ela quer comer fruta, protesta os desconfortos. Carrega uma porção de intenções bem na ponta, e lança, uma a uma, para nós, com muita eficiência, sempre que ela quer.

Veja, ela já está com uma diferença grande de uma perna para outra. É comum de acontecer com crianças com quadro grave de paralisia cerebral, como sua filha. Provavelmente, há subluxação de quadril. Ela deve dormir com esse aparelho de ferro, que vai manter suas pernas abertas em uma angulação adequada para prevenir problemas mais graves, embora seja uma medida que apenas adia, mas, provavelmente, não evita uma cirurgia no futuro.

– Sabe o que é, doutor, passar a noite inteira deitada na mesma posição dói o corpo. E justo agora, quando ela está começando a aprender a mudar de lado sozinha, experimentando as preferências para dormir... Ela gosta de ficar à vontade na cama, sabe? Se somarmos a recomendação do uso da órtese nos pés durante todo o dia com o uso da órtese no quadril, não é muita coisa, doutor? Como será que ela vai compreender isso: que ela tem um corpo que precisa ser formatado?

Tem também as mãos. Os dedos polegares estão ficando para dentro, abduzidos. Ideal é usar essas luvas durante o dia. São macias e vão manter os dedos abertos, todos em suas posições.

– É que a gente gosta de segurar a mão dela, doutor. Sentir o suor quente em sua pele, e ir abrindo os dedos como quem vai despetalar uma flor. A gente pode colocar uns grãos, uns brinquedos, uns lápis para ela brincar e, talvez, isso já mantenha os dedos mais abertos, quem sabe... Não pode ser isso no lugar das luvas, doutor?

E essa escoliose nas costas, já buscaram avaliar roupas com propriocepção para ela, para alinhar a coluna? Esse desvio comprime os pulmões e ela já tem pulmões frágeis. Se usar essa roupa durante o dia, pode dar uma informação correta de postura para ela e, quem sabe, se ela tiver sorte, melhora. A roupa é bem quente, não é muito apropriada para nosso clima, mas ela vai se acostumar.

– Doutor, mas já tem as órteses dos pés e dos quadris, tem também as luvas para as mãos, e agora essa roupa? Parece que vamos cobrindo minha filha de aparatos e eu sinto que não vou mais alcançá-la. Sabe, doutor, não se aborreça de eu dizer isso, mas, quando ela se senta assim, meio torta, eu acho charmoso. Porque ela tira partido disso e faz umas expressões ora doces, ora bravas que comunicam tanto de sua personalidade. Não sei como seria minha filha sem esse desvio que o senhor diz que precisa corrigir.

Essas ondas cerebrais estão muito desorganizadas. Olha quantas descargas elétricas. Vamos precisar aumentar a dose da medicação e introduzir medicamentos novos. Se continuar como está, ela vai perder o que desenvolveu e terá uma vida muito dependente. Tenho aqui algumas amostras grátis para tentarmos, vamos aos poucos, até chegar à dosagem máxima. Pode ser que ela fique inapetente, que desregule o intestino, pode ser que ela fique bem sonolenta e diminua os reflexos para alguns movimentos, como engolir saliva, por exemplo. Vai babar um pouco mais e dormir mais, mas, se controlar as crises, será um grande avanço.

– Já tentamos isso antes, doutor. E aí perco a conexão com a minha filha. Ela se desliga do mundo, embora o eletroencefalograma melhore. Sabe o que é, doutor, ela anda tão comunicativa, tão atenta! Os olhos dela passeiam por todos os lugares e todas as pessoas, nada lhe escapa. Ela está aprendendo tantas coisas novas! Quando as convulsões acontecem de maneira mais intensa, costumam nos avisar de que há alguma infecção ou dor. Já descobrimos algumas doenças e infecções assim, por causa da pista que o aumento das convulsões nos dá. Nós já aprendemos a lidar com isso num limite seguro para ela e ela nos sinaliza quando não está bom.

Doutor, se adotarmos as órteses nos pés e nos quadris, junto com as luvas nas mãos, a roupa para correção da escoliose e o aumento da medicação para controle das crises convulsivas, se fizermos tudo isso sem levar em consideração seus choros e reivindicações, seus desejos... e se ela for consentindo porque é mais vulnerável, ou porque já foi sedada o bastante para protestar... Essa pessoa cordata, entregue, apagada, contida, amarrada que terei nos braços ainda será a minha filha?